

Pagos, passagens



o drama da fronteira

e incertezas:

*E cada um tinha que ser um rei  
[pequeno...  
e agüentar-se com as balas, as lunares e  
os chifarotes que tinha em casa!...  
Foi o tempo do manda-quem-pode!...  
E foi o tempo em que o gaúcho,  
o seu cavalo e o seu facão, sozinhos,  
conquistaram e defenderam estes pagos...*

Simões Lopes Neto,  
"Contrabandista",  
*Contos gauchescos e lendas do sul*

A situação geopolítica do território sulino brasileiro foi decisiva para diferenciar seu desenvolvimento social, econômico e cultural do restante do país. Primeiramente, interessara à Metrópole como potencial produtivo e, mais tarde, como espaço estratégico, limítrofe com os países do Prata. Mas permaneceu espécie de "terra de ninguém" até 1737, quando o Brigadeiro Silva Pais fundou o Rio Grande

de São Pedro. Esse ato, contudo, não impediu a persistência de lutas e desacetos, tampouco arrefeceu o sentimento de território periférico. O Rio Grande forjou-se, pois, a partir da necessidade de afirmação em face do poder central brasileiro e da proximidade, ora ameaçadora ora atraente, de terras castelhanas. Essas, aliás, em condições assemelhadas às nossas. Na dinâmica de tais forças, se constituiu um amálgama cultural respeitável, a propor mais e mais aspectos a considerar.

Ao rechaço da Coroa se acrescentou a vivência do "drama da fronteira" envolvendo o Rio Grande e as regiões lindeiras do Uruguai e da Argentina. Periferia e fronteira estão fadadas a compartilhar desditas, desvantagens. Mas não só isso. Devido à condição de marginalidade, tendem a usufruir de uma liberdade impossível para populações próximas da "lei e da ordem".

Dessa conjunção, emerge uma ideologia vigorosa, guiada pela intuição popular de luta por valores liberais e libertários. Assim, os habitantes dessas terras identificaram-se e passaram a ser vistos como contestadores, com tendências autonomistas. "La dura vida impuso a los gauchos la obligación de ser valientes", diz Jorge Luis Borges. O poeta corrobora a tradição oral, que firma a imagem heróica do gaúcho, o qual, só no século XIX, passa a tema de interesse literário. Um fenômeno comum tanto entre sul-rio-grandenses como entre uruguaios e argentinos. Já se indicia aí que fronteiras culturais e linguagem resistem às delimitações geopolíticas bem mais do que o estabelecido em tratados. Mesclam-se em suas trilhas ambivalências e ambigüidades de ordem social, lingüística, existencial.

A vivência do "drama da fronteira" implica, pois, complexidades que sub-



Acima, Maria Helena Martins, coordenadora do projeto *Fronteiras Culturais* e, na página oposta, xilogravura de Vasco Prado para o IV Congresso Brasileiro de Escritores ocorrido em 1951

Leia a seguir o último ensaio da série que a CULT publica a partir de conferências apresentadas no I Encontro Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina) – promovido em dezembro passado pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, de Porto Alegre – que discute o lugar do Rio Grande do Sul na confecção de uma trança cultural entre Brasil, Uruguai e Argentina

sistem em várias facetas da vida no campo e nas cidades. Mas é nessas que a *dramaticidade* tem uma dinâmica quem sabe insuspeitada pelo historiador Othelo Rosa, quando usou a expressão, referindo-se à formação do Rio Grande. A questão das fronteiras parece hoje mais intrincada devido a contingências socioeconômicas do que a problemas de identidade nacional. Aliás, não se notam dúvidas quanto à sua nacionalidade, por parte dos habitantes dessas cidades. Há, porém, fortes indícios de que particularidades afloram das/nas práticas culturais da região, aparentemente pouco percebidas e valorizadas por sua população. Certos costumes, o falar, o trânsito entre *o lado de cá e o de lá*, a arquitetura, o cotidiano, as relações, o trabalho, o lazer, o comércio, são permeados por um modo de ser *fronteiriço*, algo que foge às delimitações dos mapas. O convívio das pessoas parece fluido e fácil – *natural*. Essa transparência, no entanto, talvez não corresponda, para a maioria da população fronteiriça, a conhecimento mais amplo e aprofundado de significados que esse contexto gerou e atualiza constantemente.

Há menos de três séculos, antepassados de moradores dessas cidades literalmente batalhavam pela sobrevi-

vência, em espaço sem cercas, na Campanha, no Pampa, num “mandaque-m-pode”, pouco importando se castelhano ou se brasileiro. Mais tarde, passaram a lutar no e pelo naco de terra que lhes *concediam* os donos dela. Depois, uns poucos conseguiram conquistar, a laço e no lombo do cavalo ou pelos enlacs, sua parte nas sesmarias; muitos, porém, enxotados do campo, foram constituir as “coroas de miséria” das vilas fronteiriças, onde alguns resistiram, uns foram minguando, outros se *fizeram* e assim construíram as cidades, pequenas cidades.

Apesar dessa notável transformação – ou talvez até por isso –, a imagem do gaúcho “monarca das coxilhas” continua fascinando, alimentando o imaginário, tanto de quem teve quanto de quem não teve vivência campeira. Sejam *despossados*, *remediados* ou *abonados*. Nobreza e valentia permanecem seus atributos, decantados por meio de um aparato institucionalizado pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) desde a década de 1950, que se alonga no tempo, se espalha pelo mundo. Afinal, mitos, lendas e faanhas são adereço da história, matéria de poesia, desafio à reflexão.

Fato é que gaúchos e *gauchos* atravessem as literaturas nacionais para

compartilhar aspectos da gauchesca, assim como o cotidiano de habilidades e vícios; negócios, amores e inimizades; temores, costumes, vestuário, crenças, lendas, tradições. Apesar de definições espaciais às vezes indistintas, semoventes, parece haver um tácito acordo quanto *a cada lado a seu modo*, em cada um desses aspectos, sem que uma cultura subjuguem outra; ao contrário, elas se somam, contrastam, se *entreveram*.

Assim o Rio Grande do Sul foi-se constituindo como espaço privilegiado para firmar essa “trança cultural” entre os três países. Conhecer e compreender as relações entre as populações fronteiriças, aprofundando a investigação sobre seu contexto vivencial, é fundamental para potencializar essa realidade, essa trança. Desse modo, não soa como utópico pensar que a observação e compreensão de tais características possa favorecer também acordos governamentais e empreendimentos empresariais, sem os sobressaltos a que hoje estão sujeitos, em função de circunstâncias políticas e econômicas (caso do Mercosul).

Laços culturais são profundamente arraigados, avessos a determinações contratuais. Constroem-se passo a passo na convivência, nas esperanças e nas frustrações cotidianas das comunidades envolvidas. Esses laços são fru-

## representa cruzamento de fronteiras

A globalização levanta questões de fronteiras, envolve acordos como o Mercosul e repercute em diferentes setores da vida nacional. Mas ainda não despertou maior atenção quanto a fronteiras culturais e suas transformações. O caso do Rio Grande do Sul, limítrofe com Uruguai e Argentina, é peculiar: formação histórica e geográfica, constituição cultural e social, língua e literatura se mesclam nas fronteiras. Daí a importância de examinar esse contexto, repensando seu passado e projetando seu futuro possível. Esse quadro motivou o *Encontro Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina)*, realizado em dezembro do ano passado pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (Porto Alegre), com conferências, mesas-redondas e círculos de debates que reuniram diversos especialistas em torno dos temas *Fronteiras culturais e globalização, Multiculturalismo e identidade nacional, Gauchêsca: Entre sul-rio-grandenses e castelhanos, Intercâmbio cultural e mercado editorial entre países platinos e Brasil, Instituições culturais e o Mercosul, Imaginário, memória, criação na psicanálise e na literatura do Rio Grande do Sul, O papel da mídia e dos eventos culturais nas zonas de fronteira e Linguagem literária: Desafios e limites na criação e na tradução*. Os textos na íntegra serão publicados em livro. Versão sintetizada de cinco das conferências está sendo publicada pela CULT desde abril deste ano. Informações no *site* [www.celpcyro.org.br](http://www.celpcyro.org.br) e pelo e-mail [celpcyro@celpcyro.org.br](mailto:celpcyro@celpcyro.org.br). O projeto é coordenado por Maria Helena Martins, diretora-presidente do CELP Cyro Martins.

tos do esforço coletivo de gerações, enfrentando adversidades e cimentando a integração. Difícil dizer em que grau essas comunidades compartilham essa visão. Mais parece que ainda não pensaram, suficientemente, a respeito. Por isso, um *olhar forasteiro* talvez provoque nos habitantes desse contexto uma outra leitura de si, do mundo em que vivem e, assim, impulsionem-os ao reconhecimento do diferencial de sua própria existência.

Ser periférico e *valiente é do gaúcho*; algo sabido e alardeado (“Ah! Eu sou gaúcho!”). Mas em que medida a trajetória que forjou essa imagem pertence à história pessoal e familiar dos moradores atuais das cidades fronteiriças? Como as marcas históricas se manifestam hoje? Essa população urbana seria menos afoita que os campeiros da primeira hora, na luta pela obtenção de seus direitos sociais e políticos, pela sua cidadania? Como se processaram os entrecruzamentos de tantos componentes contextuais e até que ponto o “drama da fronteira” foi superado, transformando prejuízos em vantagens e possibilidades a serem desenvolvidas? Que relações significativas os leitores estabelecem com a literatura e a história que tomou o cenário e a gente da Campanha ou

de sua própria cidade como referenciais? Como as representações ficcionais do gaúcho – o “centauro dos pampas” – e seu oposto – o “gaúcho a pé” – são incorporadas pelo imaginário, se mesclam à realidade, impregnaram mentalidades, interferem na linguagem, nos costumes, nas relações sociais, nos procedimentos dos cidadãos?

Essas questões, dentre outras, levaram à concepção do projeto Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina), em que se trata de identificar, fomentar e difundir características de cidades fronteiriças do Rio Grande do Sul com uruguaias e argentinas, propondo simultaneamente pesquisa de práticas culturais e incentivo às mesmas; investigação de suas especificidades e similitudes, promovendo o autoconhecimento e o intercâmbio. Tal proposta pretende assinalar aspectos da vida dessas populações, cultivados através da história compartilhada e de laços sociais (quando não familiares), abordando-os a partir de sua literatura, sua linguagem, seus costumes, sua história, sua geografia, suas fronteiras culturais, enfim.

No processo de busca, outras perguntas certamente vão surgir, antes mesmo de se encontrarem algumas

respostas. Até porque, ao nos aproximarmos mais do contexto a estudar, questões prepostas vão assumindo novas configurações, tornando ainda mais complexo o que se pretenda esclarecer.

Iniciamos agora o confronto entre conjecturas e realidades. O projeto vai a campo nas cidades de Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Já aí deparamos algo extraordinário: uma fronteira seca, na qual o meio-fio de cada lado de uma rua indica a Linha Divisória entre os países, sem qualquer sinalização. Ao andar para um lado ou para outro dessa demarcação quase virtual, observam-se aspectos diversificados, indiciando serem cidades irmanadas não por identidade, mas por complementaridade. *Integração* é palavra que seus habitantes parecem conhecer *de nascença*.

Esse é um veio a explorar. Até onde e ao que ele pode levar? Nos cruzamentos de imaginário e realidade; no diálogo do passado com o presente; nas visões de velhos e jovens – que futuro se projeta? ●

**Maria Helena Martins**

doutora em teoria literária e literatura comparada pela USP, é consultora do Itaú Cultural e autora de *Agonia do heroísmo – Contexto e trajetória de “Antônio Chimango”, O que é leitura, Crônica de uma utopia – Leitura e literatura infantil em trânsito: criou e dirige o Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins e coordena o projeto Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina)*